

Acorda Raimundo! Homens discutindo violências e masculinidade

Andréia Dioxopoulos Carneiro Pinto

Stela Nazareth Meneghel

Ana Paula Maraschin Karwowski Marques

Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

RESUMO

Este é um estudo pautado nos referenciais de gênero que tem por objetivo investigar o que pensam os homens sobre a violência doméstica de gênero e quais os valores envolvidos na construção da identidade masculina na cultura contemporânea. O trabalho foi realizado por meio de grupos de discussão com trabalhadores de uma empresa de transportes coletivos da cidade de Porto Alegre. Foram três grupos nos quais participaram voluntariamente 10 homens adultos casados. A primeira questão lançada ao grupo problematizava o porquê da violência conjugal. Os homens discutiram animadamente, contaram episódios de suas vidas, assumiram a agressão às mulheres, porém, culpando-as por isso, afirmando que elas começam as brigas. Assistiram ao filme “Acorda Raimundo” que estimulou uma reflexão sobre a construção da masculinidade, os papéis de gênero e a validação homosocial do ser homem. Houve relatos de violências, brigas e traições, mas também falaram de relações conjugais pautadas no respeito e na negociação de conflitos. Ao encerrar eles avaliaram positivamente a atividade e sugeriram a continuidade do grupo na empresa.

Palavras chave: Grupos de discussão; masculinidades; identidade de gênero; violência de gênero.

ABSTRACT

Wake up, Raimundo! Men discussing violence and masculinity

This study is based on gender references, aiming at looking into what men think about domestic violence and what values take part in the process of building the masculine identity in contemporary culture. The work was done through discussion groups consisting of collective transportation workers in the city of Porto Alegre. We worked with three groups, each of 10 voluntary men, all of them married. The first question proposed to the group problematized the reasons of marital violence. Men discussed animatedly, told episodes of their lives, admitted to having abused women, but put the blame on them for that, insisting that it is they, the women, who pick up fights. Then they watched the film *Acorda, Raimundo... acorda!* [*Wake up, Raimundo, Brazil, 1990*], which encouraged them to reflect about the construction of masculinity, gender roles and homosocial validation of what being a man means. Some of them reported cases involving violence, fights and unfaithfulness; on the other hand, marital relations based on respect and conflict negotiation were also mentioned. In the end, they assessed positively the activity and suggested that the group go on meeting within the framework of the company.

Keywords: Discussion groups; masculinities; gender identity; gender violence.

INTRODUÇÃO

As violências contra a mulher são consideradas um fenômeno que ocorre em âmbito mundial e entendidas pela Organização Mundial de Saúde como um problema de saúde pública. Os efeitos da violência de gênero atingem diretamente a auto-estima, a segurança e o bem-estar das pessoas atingidas.

Os primeiros estudos sobre violência contra as mulheres divulgaram que essa situação acontecia em todas as classes sociais. Saffioti (1999), uma autora feminista, referiu o “*nó gordio*” constituído pelos sistemas de dominação e exploração pautados em gênero, classe social e etnia. Dessa maneira, as mulheres negras e pobres estão em situação de maior vulnerabilidade. Pesquisas mostram que homens desempre-

gados são mais violentos com a família. Esses dados indicam que a maior vulnerabilidade social está diretamente relacionada ao aumento da prevalência de violência física e psicológica (Krug, 2000).

Embora haja muitas denominações para designar a violência perpetrada por homens contra as mulheres, incluindo os termos violência doméstica, violência intrafamiliar e violência sexual, nos alinhamos aos que usam o conceito de violência de gênero. Considera-se violência de gênero qualquer ato de violência praticado contra a mulher que resulte, ou possa resultar, em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico, assim como a ameaça de tais atos ou coerção a privação da liberdade seja na vida pública ou no âmbito doméstico. A violência no âmbito conjugal expressa o conflito de interesses entre duas partes que participam da relação de convivência. É importante entender a ambigüidade e as tensões estabelecidas nas relações de gênero e os padrões que orientam a conduta como um movimento, uma passagem que implica contradições e diversidades (Gregori, 1993).

Gênero é uma categoria constituinte das relações sociais entre homens e mulheres e tem sido utilizada para explicar a construção e organização social da diferença entre os sexos. O conceito de gênero, no âmbito dos estudos da mulher, questionou as diferenças entre os sexos atribuídas à biologia para enfatizar a importância social e cultural desse conceito. Gênero é um sistema simbólico de significados, que configura e reflete posições hierárquicas e antagônicas entre homens e mulheres (Saffioti & Almeida, 1995; Giffin, 1994; 2002; Scott, 1990).

A violência de gênero é um fenômeno complexo, com raízes profundas nas relações de poder baseadas no gênero e na sexualidade. Estudos indicam que as relações hierárquicas de gênero perpetuadas através da socialização e as desigualdades socioeconômicas são determinantes da violência contra a mulher (Heise et al., 1994). A maioria das situações de violência masculina é perpetrada pelos parceiros íntimos das mulheres, na maioria das vezes, de maneira crônica (Saffioti, 1999; Grossi e Werba, 2002).

A relação entre os gêneros é hierarquizada e entendida como um princípio que classifica as pessoas e serve como instrumento ideológico de dominação. Para entender a violência de gênero a partir do ponto de vista dos homens, buscamos inspiração nas idéias que embasam a construção social da masculinidade. As identidades de gênero remetem a uma reflexão mais aprofundada acerca dos valores que fazem parte da identidade masculina, assim como a expressão em seus comportamentos.

Para os autores (Badinter, 1993; Nolasco 1995; Almeida 1996) a crise da masculinidade pode ser com-

preendida como um mal-estar, um conflito de identidade ou uma tentativa em manter um modelo de gênero hegemônico ao mesmo tempo pluralista, às vezes baseado em modelos tradicionais, às vezes em modelos modernos de masculinidade, porém incapaz de sustentar a hegemonia referente à subjetividade (Rolnik e Guattari, 1996).

Os estudos históricos e antropológicos indicam a dominação da mulher pelo homem ao longo dos séculos. Para cimentar esse processo, utiliza-se a ideologia patriarcal e o machismo. Azevedo (1985) define machismo como um sistema de idéias e valores não igualitário entre homens e mulheres ou a dominação do homem sobre a mulher. O machismo enquanto ideologia é constituinte de um sistema de crenças e valores elaborados pelo homem com a finalidade de garantir a supremacia através de dois artifícios básicos: afirmação da superioridade masculina e reforço da inferioridade atribuída à mulher. O machismo pode ser reconhecido no imaginário ou nas representações sociais e socioculturais sendo considerado o resultado de um processo longo de construção do que é ser uma mulher e do que é ser um homem.

Azevedo (1985) considera que o discurso machista, tanto erudito quanto popular, está a serviço da reafirmação da superioridade masculina e da inferioridade feminina, como forma legítima de perpetuar a dominação da mulher. Já o machismo enquanto ideologia é uma forma sutil de violência simbólica, e procura convencer o dominado da inexistência de opressão ou subordinação, considerando-a, até mesmo, benéfica e natural. O machismo não se restringe aos homens, a maioria das mulheres sofre uma socialização que as preparou para aceitar a dominação masculina e, portanto, para serem machistas. A solidariedade existente entre homens, visando à preservação de seus privilégios não corresponde à solidariedade feminina na reivindicação de igualdade de direitos.

A sociedade patriarcal provê experiências diferentes para meninos e meninas; da menina é esperado comportamento meigo, gentil, carinhoso, passivo. São consideradas sensíveis, ou fracas, como se sempre estivessem necessitando de proteção. Dos meninos é esperado que sejam rudes, autoritários, “durões”, sujeitos, que tenham força e não demonstrem fraqueza. Nas sociedades patriarcais o prestígio das mulheres provém dos homens. Esses são os detentores do poder, tomam as decisões e são considerados responsáveis pela proteção da família. Às mulheres cabe facilitar a carreira profissional do marido e tornar a vida confortável, em troca, obtém sustento e proteção. O processo de fabricação de “machos e fêmeas” é uma dinâmica psicossocial que se desenvolve de forma intencional através da escola e da família, da igreja e outros grupos (Strey, 2004).

A situação de conflito é vivida por inúmeras famílias que fazem parte da sociedade contemporânea, justificando estudos neste campo. A experiência prática vivenciada por uma das autoras ao longo do curso, em estágios e pesquisas no tema da violência de gênero (Meneghel e cols, 2007), motivou a realização deste trabalho. Refletindo sobre a importância de escutar o que os homens têm a dizer sobre o tema, surgiu a idéia de realizar os grupos, buscando compreender o que ocorre nas relações de conjugalidade, as violências e a construção da masculinidade. Questionamos formas de intervenção mais eficazes para melhorar a qualidade de vida das famílias, reduzir a ocorrência de violências no âmbito das relações entre homens e mulheres e melhorar a qualidade dos serviços de atendimento.

O presente estudo tem por objetivo investigar o que pensam os homens sobre a violência doméstica de gênero. Além disso, identificar os valores envolvidos na construção da identidade masculina na cultura contemporânea.

TRAJETO METODOLÓGICO

Esta pesquisa faz parte do projeto “Violência intrafamiliar e de gênero – mulheres enfrentando o sofrimento” em desenvolvimento na UNISINOS e contemplada no Edital 045 CNPq – Relações de gênero: mulheres e feminismos, aprovada pelo Comitê de Ética/UNISINOS.

Esse trabalho foi realizado em uma empresa de transportes coletivos, localizada em uma comunidade de baixa renda, na cidade de Porto Alegre. Atualmente a empresa conta com uma frota de 63 ônibus, que em média, transportam 40.000 passageiros por dia e conta com cerca de 350 funcionários, 90% deles do sexo masculino. Essa elevada prevalência de trabalhadores homens foi uma das razões para focar a pesquisa no tema das masculinidades.

Este é um estudo qualitativo que utilizou grupos de reflexão para a coleta de dados. A idéia de realizar um grupo de homens neste espaço institucional significou possibilitar a escuta e a reflexão sobre o tema das identidades e masculinidades. Desse modo se aproveitou o material produzido no campo grupal para posterior análise e colaboração para o próprio grupo.

Ao nuclear o grupo de reflexão com os trabalhadores de uma empresa de transportes coletivos, vínhamos de uma experiência prévia com grupos de reflexão freqüentados por mulheres (Meneghel e Barbiani, 2003). Imaginamos que os grupos de homens poderiam constituir um caminho para refletir as relações de gênero e construir modos de relacionamento mais igualitários. O grupo foi pensado como uma estrutura básica de trabalho e investigação, assim como uma

instância de ancoragem do cotidiano. As forças interacionais internas dos grupos implicam em sustentação e apoio socioemocional, no fortalecimento das interações emocionais, na comunicação aberta, no compromisso e responsabilidade, na participação efetiva e na construção de uma individualidade crítica (Meneghel et al., 2000; Rauter, 2000).

De acordo com Fernandez (2006) observa-se que em qualquer grupo humano produzem-se “movimentos diversificados, como ressonâncias, fantasmáticas, processos identificatórios e transferências, assim como sentimentos ora de amor ora de ódio em todos os seus matizes, jogos de papéis e produções lingüísticas”. Nos grupos são instituídos mitos, utopias e até ilusões onde a regra de funcionamento organiza as redes de significações imaginárias que inscrevem o grupo em uma posição institucional dando forma aos contratos, pondo em ação os jogos de poder e hierarquias.

Nos grupos de reflexão organizados na empresa de transportes coletivos, o primeiro movimento foi a consulta à supervisora local, mencionando a idéia de trabalhar com os homens. A direção da empresa aprovou e recomendou a idéia, indicando local e horário para os encontros. Foi veiculado um convite dirigido a homens casados e propondo a participação em três grupos de discussão. A proposta para os grupos iniciou com a apresentação do tema de pesquisa da investigadora; após essa introdução, todos contaram fragmentos de suas histórias de vida.

O primeiro encontro teve o objetivo de abordar o tema da violência intrafamiliar, com o seguinte questionamento: quais as opiniões sobre os fatores desencadeantes da violência entre os casais. No segundo encontro foi apresentado o filme “Acorda Raimundo” que aborda as transformações de papéis, as novas configurações familiares com a mulher ocupando profissões que até pouco tempo eram consideradas exclusivamente masculinas. No terceiro encontro, foi abordada a questão referente aos valores envolvidos na construção da identidade masculina. E para o encerramento foi sugerida a avaliação do trabalho realizado.

Nesse artigo, todos os nomes mencionados são fictícios e comuns: Antônio, Luiz, Manoel, André, Isaías, Pedro, Cleber, Paulo, Joaquim, Júlio.

A avaliação do processo grupal foi realizada tendo por base os relatos transcritos e utilizando-se a análise temática proposta por Bardin (1979). Para Bardin, o tema é a unidade de significado que se liberta naturalmente de um texto analisado segundo critérios relativos à teoria que serve de guia à leitura. Operacionalmente a análise temática divide-se em três etapas: a pré-análise, com leitura das comunicações e a busca das categorias mais expressivas, a exploração

do material e por último, o tratamento dos resultados e a interpretação (Minayo, 1992). Após a leitura do material transcrito, foram identificados os temas mais discutidos e mais significativos aos participantes. Devido à grande quantidade de material transcrito, nem todos os assuntos foram explorados.

O QUE DIZEM OS HOMENS SOBRE A VIOLÊNCIA?

Iniciamos a apresentação dos resultados, contando do primeiro grupo realizado com os homens. Na sala de treinamento da empresa estavam presentes um total de dez trabalhadores, casados, na faixa etária de 25 a 40 anos, todos motoristas e cobradores da empresa de transportes.

O primeiro momento correspondeu às apresentações dos participantes e dos objetivos do trabalho, a importância de ouvir o que pensam sobre a violência intrafamiliar. Os depoimentos dos participantes deram a impressão de envolvimento com o tema e exposição aberta de idéias e experiências, ao contrário de situações em que os participantes parecem estar apenas cumprindo uma obrigação formal de responder as perguntas do pesquisador. Nos encontros que tivemos, os participantes mostraram-se interessados, relataram histórias e fatos de suas vidas e houve constante troca de saberes.

Foi lançada uma pergunta direta: por que os homens batem nas mulheres? Foi-lhes explicado que o objetivo não era saber se haviam batido nas suas mulheres, mas sim o que pensavam sobre o tema. A pergunta foi respondida por meio do relato de experiências ou exemplos de outras pessoas e todos os homens do grupo falaram de situações em que ocorreu ou continua ocorrendo violência contra a mulher. Ao relatar episódios de violência em suas vidas ou nas vidas de conhecidos, eles não esconderam a situação de agressores: *“Eu já tive uma namorada que já bati”*; *“uma vez ela me deu um tapa na cara e aí eu devolvi”*. Porém, eles afirmaram que, na maioria das vezes, as mulheres provocam e iniciam o conflito *“ela deu primeiro”* (Cleber) e o homem defende-se agredindo, ou seja, justificaram a conduta agressiva como reativa a uma provocação feminina anterior, como é possível constatar na explicação de Paulo:

“Eu já tive uma namorada que já bati. Mas ela quem partia para cima de mim. Nunca chegou a me bater, só me deu uns empurrões. Aí eu me protegia, quando ela vinha para cima de mim eu segurava nos braços dela para ela parar.” (Paulo)

Na explicação de Paulo, ele apenas se *“protegia”*, embora a contradição venha em seguida quando afir-

ma que *“batia”* na namorada. Cleber relatou fatos semelhantes, admitindo, que a gravidade da agressão masculina é maior: *“claro, minha mão é mais pesada que a dela”* e que a teria machucado muito. Mas minimiza a violência dizendo que ela estava com um problema dentário, talvez por esse fato a lesão tenha sido tão intensa, *“o homem é mais animal”*:

“Uma vez ela me deu um tapa na cara e aí eu devolvi, na hora não consegui segurar, foi instantâneo, acho que isso é humano né? Sentimento de defesa. Estávamos no carro e inclusive na presença de meus pais. Foi muito chato me senti agredido e envergonhado. Foi horrível, essa mulher chorou muito, pegou bem no dente que estava em tratamento de canal. Agora toda vez que dá discussão fico até com medo...Mas é aquela história, ela partiu para a violência, ela me deu com vontade, foi por isso que dei nela, claro minha mão é mais pesada que a dela. Depois me arrependi, mas ela deu primeiro! O homem é mais animal!” (Cleber)

Trouxeram exemplos, relativizando a agressão masculina e culpabilizando as mulheres por provocar os homens, por considerar esses homens como bobos, por exemplo, dando e retirando queixa nas delegacias.

“Meu primo, uma vez deu um soco no vidro do bar para não bater na mulher dele, que foi lá fazer escândalo no buteco chamando ele de bêbado. Ai mesmo que ele bebia mais e acabava em agressão física. Ele batia nela e ela corria para a delegacia registrar a queixa contra ele. Passava uns dois a três dias ela ia lá e retirava. Ela já é conhecida na delegacia.” (Pedro)

A propósito das agressões femininas, Saffioti (1994) pontua com propriedade que: *“não se está, de forma alguma, afirmando que as mulheres são santas. Ao contrário, elas participam da relação de violência chegando mesmo a desencadeá-la. Nem por isto, porém, a mulher detém do mesmo poder que o homem. [...] Trata-se de uma correlação de forças que muito raramente beneficia a mulher. Socialmente falando, o saldo negativo da violência de gênero é tremendamente mais negativo para a mulher que para o homem”*.

Houve unanimidade no grupo em atribuir *“a provocação”* ou o *“início”* dos episódios de violências às mulheres, ou seja, eles conseguem assumir que existe a violência e eles agridem, porém minimizam o seu papel colocando a responsabilidade sobre as mulheres, inclusive misturando a violência no âmbito doméstico, com a violência vivenciada no trabalho, como manifestou Joaquim:

“Na minha opinião, a mulher é violenta tanto quanto o homem, a mulher briga mais com gente

na roleta do que o homem, a tolerância da mulher parece menor que a do homem. Qualquer coisa que a gente fizer de errado ela vem com tudo pra cima do cara, já quer bater em ti, faz misérias na frente da roleta. O homem já é mais controlado do que a mulher. A mulher explode na hora, se ela puder já se bota e arranha o cara e dá na cara. Aí o homem dá na mulher e vai preso. Se a mulher dá no homem e chama a polícia eles ainda vão dar risada que o cara apanhou de mulher.” (Joaquim)

Eles se queixaram repetidamente das “cobranças” feitas pelas mulheres, como algo que dispara o ato abusivo. Como meninos, afirmaram enfaticamente que não gostam, não querem, não suportam serem cobrados.

“A mulher cobra demais, cobra o que o homem não pode dar.” (Luiz) “Chego em casa cansado do trabalho e ela, quer conversar, tá eu entendo, mas ela não entende que eu tô cansado, aí ela cobra a atenção e diz que eu não dou bola pra ela, aí já dá incomodação.” (Manoel)

O estereótipo é uma espécie de molde que pretende enquadrar a todos, independente das particularidades de cada um, diz Saffiotti (1987). A fala de Joaquim é pautada nos velhos chavões ou estereótipos de gênero: homem controlado/mulher histérica e outras dicotomias semelhantes. Joaquim também se preocupa com a confraria masculina que “vai dar risada que o cara apanhou da mulher”. Júlio expressou as representações atuais sobre os papéis diferenciados de gênero:

“Já está confirmado que o homem é agressor e a mulher é a vítima, já vem de antigamente, assim como que a mulher deve arrumar a casa e homem trabalhar para sustentar a família” (Julio)

COMO SE CONSTRÓI A MASCULINIDADE?

O homem é considerado macho, na medida em que for capaz de disfarçar, ou melhor, interditar o afeto, processo efetivado através da educação diferenciada de gênero. “Aprendi que homem não chora” [...] “Lá em casa era assim: homem que é homem não apanha na rua” (Cleber).

Os alicerces da masculinidade são lançados na infância do menino, na sua experiência na família, na escola, e com amigos da mesma idade. Estes formam no seu conjunto, o quadro primário da “socialização masculina”: o processo que orienta a conformação do que é ser homem em nossa sociedade. A socialização masculina é um processo universal de aprendizagem e adaptação (Tolson, 1977; Cecarelli, 2006).

A definição de homem na sociedade patriarcal baseia-se em figuras de linguagem negativas como: homem não chora, não demonstra seus sentimentos, não pode amar as mulheres como as mulheres amam os homens, não pode ser fraco, muito menos covarde, jamais ser perdedor ou passivo nas relações sexuais. Contrapondo as afirmativas positivas: homem deve ser forte, corajoso, macho, provedor, viril, autoconfiante, destemido, agressivo, independente. A relação de “possuir”, dinheiro, força, músculos, pênis, um filho homem, tantas mulheres quanto for possível durante sua vida sexual, emprego fixo, poder executar tarefas difíceis que só compete a homens, sustentar a família. Os ideais de masculinidade se reportam aos aspectos que hierarquicamente estabelecem e mantêm o domínio dos homens sobre as mulheres (Silva, 2006). Em relação à construção da identidade masculina, ouçamos o que nos disseram os nossos Joaquins, Manoéis e Antonios.

“Existe muita diferença entre o homem e a mulher, o homem já escuta desde cedo, tu é macho e tem um tico no meio das pernas, então tem que honrar.” (Joaquim)

“A minha própria mãe dizia segura tuas cabras que meus bodes estão soltos. Quer dizer que, os guris têm que partir para cima da mulher, se não for é desconsiderado, e as mulheres se são muito atiradas já são consideradas atiradas.” (Manoel)

“A própria mulher, mãe ou vó, ensina para os filhos ou netos que tem que ser macho.” (Antonio)

Eles também se referiram à educação diferenciada de gênero, transmitida pelas mulheres enquanto agentes de socialização. Esses valores são transmitidos de geração em geração, reforçando e sustentando o machismo.

“O guri, já joga bola desde pequeno, brinca de lutinha, de polícia e ladrão, admira e imita os super-heróis.” (Jorge)

“Se a menina cai e rala o joelho, é a coitadinha. Se acontece a mesma coisa com o guri, todos caem em cima, já vão chamar o cara de bixinha.” (Isaias)

“Lá no interior era assim, faca na cintura, e revólver. Quando eu era pequeno, sempre escutava meu pai dizer que em cara de homem eles não batiam com a mão.” (Jorge)

Embora haja autores que creditam a violência ao uso de álcool e drogas, sabe-se que a violência de gênero decorre das relações hierarquizadas entre homens e mulheres, ou seja, é uma ação socialmente construída. Os homens deixaram evidente que sabem disso:

“A bebida alcoólica não é responsável pela briga. O cara que ta bêbado chega em casa bêbado, e só quer dormir, que alias é só isso que o bêbado quer.” (Antonio)

Na cultura patriarcal ser provedor é papel masculino. Se o homem possui rendimentos inferiores ao da mulher, ou até mesmo se está desempregado, isto poderá abalar a sua identidade masculina. A falta de rendimentos, como consequência da falta de emprego gera sintomas como estresse e depressão; além disso, contribui e muito para o clima de tensão nas relações entre os casais. Paulo nos fala de uma situação deste tipo, e como em todas as explicações, a “culpa” é da mulher:

“Meu primo tinha um ótimo salário, sustentava a mulher e toda a família, tinham do bom e do melhor em casa. Até que um dia houve um problema entre ele e um colega, aí ele foi demitido, e lógico a situação ficou apertada. O coitado começou a ficar louco! A mulher começou a cobrar e exigir as coisas que ele estava acostumado, mandando que ele encontrasse serviço urgente. Um dia ele pegou e deu nela, não agüentou.” (Paulo)

Os homens sentem-se inferiorizados e impotentes frente a situações de mudança dos padrões tradicionais e buscam reafirmar o “papel do macho”, usando, inclusive, a violência.

DE QUE OS HOMENS SE ENVERGONHAM?

A masculinidade requer uma validação homosocial: são outros homens que podem ver um sujeito como efeminado; são outros homens que analisam cuidadosamente, examinam, classificam e concedem ou não ingresso no domínio da virilidade. O que parece relevante ressaltar é que o fato de a validação ser homosocial é consequência da própria dominação masculina, das relações de poder envolvidas nas configurações de gênero, em que as mulheres ocupam uma posição tão baixa na cabeça dos homens que o que eles necessitam é a aprovação dos próprios homens (Knauth et al., 2005). Essa validação externa homosocial aparece claramente na asserção de Joaquim: *“Se a mulher dá no homem e chama a polícia eles ainda vão dar risada que o cara apanhou de mulher.”* Ele se mostra envergonhado não pelo fato de apanhar da mulher, mas o principal é *“o que o policial – no caso outro macho - vai pensar”*. Na sua visão de mundo, a primeira coisa que lhe ocorre, é que será motivo de chacota, e isso vem expresso em um sentimento de muita vergonha, que ele quer evitar.

A validação homosocial implica na dificuldade em confiar em outro homem, pelo medo de se expor

ao ridículo, ou melhor, do medo da desaprovação do outro. Cleber nos fala da insegurança que os homens enfrentam para confiarem uns nos outros. *“Deus o livre, o cara se abrir, problemas particulares. Não dá quando o cara vira as costas todo mundo fica sabendo.”* Esse assunto está diretamente ligado à traição masculina. Os homens referem-se à traição masculina como um comportamento desigual, os homens traem mais do que as mulheres, conforme o que nos disseram, Cleber, Luiz, Julio, Manuel, Paulo e Isaias:

“O homem é sem vergonha, basta só olhar. A questão é física mesmo”. (Cleber)

“O homem trai a mulher porque sente curiosidade, e aí acaba não resistindo.” (Luiz)

Na autocomplacência do discurso masculino, outra vez a “culpa”, essa vez da traição, é creditada às mulheres. Eles apontam como motivos para a traição, o envolvimento da mulher com o bebê recém nascido, o fato de ousar não querer fazer sexo, ou seja, eximir-se do “dever” de prestar favores sexuais ao marido, ou ainda a ditadura estética de não estar “magra”:

“Depois que a mulher ganhou o filho ela simplesmente, não quis mais fazer sexo! E aí como é que o cara fica? Acaba traindo!” (Julio)

“A mulher engordou muito depois desta última gravidez, já falei pra ela se cuidar, mas ela não me escuta!” (Manuel)

“No ônibus a gente vê todos os tipos, elas se atiram pro cara! Se o cara não pega! É porque é veado”! (Paulo)

“Os amigos também botam pilha, mostram e incentivam a traição” (Isaias)

As explicações justificam o comportamento desigual e machista. A mulher fica no lugar de cúmplice na traição, como se a traição fosse ocasionada pela falha no desempenho de seu papel de fêmea.

O QUE FAZER PARA A RELAÇÃO DAR CERTO?

No processo grupal também foi possível ouvir relatos de homens que dizem negociar uma relação igualitária, de companheirismo e auxílio mútuo e relacionamentos maduros baseados no respeito à individualidade do outro. Luiz mostra maturidade para administrar os conflitos, protegendo as crianças de cenas de brigas, desentendimentos e violência.

“Conheci minha esposa em uma festa junina, a gente morava na mesma rua, mas nunca tinha se visto. A convivência hoje após nove anos de casamento, com certeza é melhor do que antes. Agora a

gente já conhece os defeitos um do outro. Agora é mais real, quando a gente casa, tudo é amor. Mas depois vem a realidade. Se o casal sabe como conduzir, só se dá bem. Nossa relação amadureceu. E é muito raro brigarmos. Temos uma filha para criar. Se pensa duas vezes antes de discutir ainda mais na frente da criança.” (Luiz)

Pedro constatou que para não dar continuidade e, muito menos, repetir sua história familiar, o melhor caminho a tomar foi a separação. Às vezes, as pessoas têm muitas incompatibilidades que tornam insuportável a convivência e a separação pode ser a melhor opção:

“Somos casados há sete anos e não deu mais para continuar. Ela me deu uma tapa na cara, e isso não posso agüentar. Meu pai agredia minha mãe, até que um dia intimei ele e disse que assim como ele tinha me dado a vida poderia me tirar, mas que na mãe ele não batia mais. Como é que eu vou suportar um relacionamento que tenha violência. Ela era uma pessoa muito inflexível. Então para não dar continuidade achei melhor a separação.” (Pedro)

Outra atitude estratégica tomada na tentativa de evitar conflito, nos foi relatada por André. Ele não se envergonhou de contar ao grupo que passou a noite na rua, esperou a raiva passar e pode conversar com a mulher e resolver o conflito. Mesmo na vigência da violência, depoimentos como esse podem ajudar a validar outros padrões de comportamento masculinos e fundar relações mais igualitárias entre homens e mulheres.

“Um dia minha mulher me atirou uma garrafa de refrigerante na cabeça, a minha sorte é que passou de raspão. Aí achei que era melhor sair de casa para não bater nela. Fiquei na rua de madrugada sentado num banco da parada do ônibus. Pensando em não voltar mais para casa. Mas aí a gente pensa nos filhos...E assim acabei voltando. Como é que eu iria ficar longe das crianças. Mas foi bom, por que a poeira baixou e até a gente pode conversar depois sobre a atitude dela e combinar que estas atitudes a gente deve controlar.” (André)

Ao final dos encontros, realizamos uma avaliação individual e coletiva do trabalho. Eles foram unânimes em sugerir que o trabalho tenha continuidade, ainda gostariam de tratar muitos temas referentes à masculinidade. Ocorreu resistência para a finalização do grupo e o desejo de continuar. Eles valorizaram a atividade, engajando-se no processo grupal:

“Foi ótimo, a empresa ter aberto este espaço para que nós possamos falar sobre nós mesmos, sem

medo de ser excluído, ainda mais de um assunto tão sério como violência nas famílias” (Manoel)

“Olha, sinceramente, eu não tenho o costume de me abrir, mas aqui me senti muito à vontade.” (Paulo)

“A gente até se sente importante! O cara pode falar o que pensa, sem se preocupar se o que vai falar vai ser usado contra ele” (Isaias)

“Tomara que a gente possa auxiliar as pesquisas, a gente observa que nossas vidas têm valor, e que é importante o que cada um de nós pensa” (Pedro)

PALAVRAS FINAIS

A violência de gênero é um fenômeno complexo, enraizado nas relações de poder entre homens e mulheres. Este artigo problematizou, em um grupo de homens, a construção das diferenças entre os sexos, a educação diferenciada, os valores da sociedade patriarcal mantidos pela cultura. Esse cenário cristaliza as posições hierárquicas entre homens e mulheres reforçando e mantendo a desigualdade entre os sexos e gerando violência ao longo da história.

A reflexão acerca de questões referentes às violências no âmbito doméstico, certamente contribui para a melhora da comunicação entre os homens e as mulheres. Para isto foi importante problematizar os conceitos de violência, de estereótipos de gênero, assim como da construção da identidade masculina, para referendar relações menos hierárquicas e violentas entre os casais.

A violência não pode mais ser naturalizada, nem aceita. Para isso, é importante e urgente a reflexão do agressor, para a compreensão dos diversos fatores que colaboram para que os homens pratiquem atos de violência contra as mulheres. A Psicologia, a Saúde Coletiva e a Educação em Saúde são campos disciplinares que podem contribuir no enfrentamento às violências, incluindo as de gênero, e na resolução dos conflitos entre os sexos. E isso não é tarefa muito fácil. É neste sentido que a discussão de gênero, pode ser um instrumento para auxiliar na transformação de relações mais igualitárias entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS

- Azevedo, M. A. (1985). *Mulheres espancadas: a violência denunciada*. São Paulo: Cortez.
- Almeida, M. I. M. (1996). *Masculino/Feminino: tensão insolúvel*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Cecarelli, P. R. (1997). A construção da masculinidade. *Percurso. Revista de Psicanálise*, X, 19, 49-56.

- Fernandez, A. M. (2006). *O campo grupal – notas para uma genealogia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Giffin, K. (2002). Pobreza, desigualdade e equidade em saúde: considerações a partir de uma perspectiva de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 18, supl. 1.
- Giffin, K. (1994). Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cad. Saúde Pública*, 10, 146-155.
- Gregori, M. F. (1993). *Cenas e queixas: um estudo sobre mulheres, relações violentas e práticas femininas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Grossi, P., & Werba, G. (2002). *Violências e gênero – coisas que a gente não gostaria de saber*. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Heise, K. (1994). Violência de gênero, sexualidade e saúde. *Cad. Saúde Pública*, 10, suppl. 1, 146-155.
- Knauth, D. R., et al. (2005). Liberdade, sexo e drogas: a vulnerabilidade de homens jovens de camadas populares. In Adorno, R. C. F. (Org.). *Jovens, trajetórias, masculinidades e direitos*. São Paulo: FAPESP.
- Krug, E. (2003). *Informe mundial sobre la violencia y la salud*. Washington: OPAS/OMS.
- Meneghel, S. N., Armani, T., Severino, R. (2000). Cotidiano Violento – oficinas de promoção em saúde mental em Porto Alegre. *Ciência e Saúde Coletiva*, 5, 1, 193-203.
- Meneghel, S. N., Barbiani, R., Steffen, H., Wunder, A. P., Roza, M. D., Rotermund, J., Brito, S. (2003). Impacto de grupos de mulheres em vulnerabilidade de gênero. *Cad. Saúde Pública*, 19, 4, 955-63.
- Meneghel, S. N., et al. (2007). Violência de gênero: A rota crítica das mulheres em situação de violência. In Meneghel, S. N. (Org.). *Rotas críticas – mulheres enfrentando as violências*. São Leopoldo: UNISINOS.
- Minayo, M. C. (1992). *O desafio do conhecimento – pesquisa qualitativa em saúde*. Rio de Janeiro: HUCITEC/ABRASCO.
- Nolasco, S. (1995). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rauter, C. (2000). Oficinas para quê? In Amarante, P. (Org.). *Ensaaios: subjetividade, saúde mental, sociedade*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Rolnik, S., & Guattari, F. (1996). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- Saffiotti, H. (1999). *Gênero e patriarcado*. PUC-SP. [mimeo]
- Saffiotti, H. (1987). *O poder do macho*. São Paulo: Moderna.
- Saffiotti, H. (1994). Conceituando gênero. In Saffiotti, H., & Muñoz-Vargas, N. *Mulher brasileira é assim*. UNICEF; Rosa dos Tempos. pp. 271-283.
- Saffiotti, H., & Almeida, S. S. (1995). Brasil: violência, poder e impunidade. In *Violência de gênero – poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Scott J. (1990). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, 16, 2, 5-22.
- Silva, S. G. (2006). A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero a à literatura masculista. *Psic. Ciência Prof.*, 26.
- Strey, M. N. (2004). *Gênero e cultura. Questões contemporâneas*, (1ª ed.). Porto Alegre: Edipucrs.
- Tolson, A. (1977). *Os limites da masculinidade*. Tavistok Publications, LTD.
- Filme: Acorda Raimundo (Alfredo Neves, 1990).

Autoras:

Andréia Dioxopoulos Carneiro Pinto – Aluna do Curso de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).
 Stela Nazareth Meneghel – Professora e pesquisadora do PPG Saúde Coletiva/UNISINOS.
 Ana Paula Maraschin Karwowski Marques – Psicóloga organizacional.

Endereço para correspondência:

Andréia Dioxopoulos Carneiro Pinto
 Rua Santo Antonio, 611 ap. 32
 CEP 90220-011, Porto Alegre, RS, Brasil
 E-mail: smeneghel@hotmail.com